

# A escrita no feminino: os contos de Lília Momplé

Lola Gerales Xavier

Escola Superior de Educação de Coimbra

**Palavras-chave:** Moçambique, negros, brancos, violência, colonialismo, guerra.

**Keywords:** Mozambique, black people, white people, violence, colonialism, war.

Lília Maria Clara Carrière Momplé nasceu em 1935, na Ilha de Moçambique. Em Portugal, frequentou o 2º ano de Filologia Germânica e licenciou-se em Serviço Social, no Instituto Superior do Serviço Social de Lisboa.

Desempenhou algumas funções estatais, na Secretaria de Estado da Cultura, foi Directora do Fundo para o Desenvolvimento Artístico e Cultural de Moçambique e Presidente da Mesa da Assembleia Geral da Associação dos Escritores Moçambicanos, de que anteriormente fora Secretária-Geral Adjunta e Membro do Conselho Fiscal. É membro do Núcleo de Formação do Conselho Coordenador dos Escritores da África Austral (*Southern African Writers Council*). Ganhou o 1º Prémio de Novelística no Concurso Literário do Centenário da cidade de Maputo, com o conto «Caniço», inserido em *Ninguém Matou Suhura*.

O primeiro livro que publicadou foi *Ninguém Matou Suhura*<sup>1</sup> (contos), em 1988, a que se seguiu o «romance» *Neighbours*, em 1995. *Os Olhos da Cobra Verde* é o seu segundo livro de contos, publicado em 1997, pela Associação de Escritores Moçambicanos, como os restantes. A sua escrita é inspirada na vida quotidiana de Moçambique desde o tempo colonial até à década de 90.

Analisaremos aqui os dois livros de contos, *Ninguém Matou Suhura* e *Os Olhos da Cobra Verde*. Ambos têm como título o nome de um conto que integram e ambos evi-

<sup>1</sup> *Ninguém Matou Suhura* encontra-se traduzido em italiano e em inglês.

denciam um dado período histórico a que se reportam. No primeiro livro, a temática gira em torno da subjugação colonial de Moçambique; no segundo trata-se do período pós-independência até aos acordos de paz de Roma, a 4 de Outubro de 1992, que pôs fim a 16 anos de guerra civil.

*Ninguém Matou Suhura (NMS)* é composto por cinco contos em que adquire importância a ligação espaço-tempo. Existe uma relação de gradação cronológica de conto para conto: «Aconteceu em Saua-Saua» (1935); «Caniço» (1945); «O baile de Celina» (1950); «Ninguém matou Suhura» (1970) e «O último pesadelo» (1974). A nível de localização surpreende o último conto, por se passar em Angola e já não em Moçambique: quis a autora mostrar que a violência infligida pelo colonizador português era comum aos espaços colonizados?

O espaço colonial apresenta-se na gradação das condições de vida descritas no conto «Caniço»:

Ao aglomerado de palhotas de caniço, seguem-se os casinhotos de madeira e zinco dos mulatos e indianos, de mistura com modestas casas de alvenaria. Depois as casas de madeira e zinco vão rareando. Finalmente nos bairros onde só residem colonos, erguem-se apenas prédios e vivendas de alvenaria, ladeando ruas e avenidas verdejantes. E o suave aroma dos jardins e das acácias em flor vai substituindo o cheiro da miséria. (*NMS*: 26-27)

No final do livro a autora sentiu a necessidade de informar que «Estes contos são baseados em factos verídicos, embora os locais e as datas nem sempre correspondam à realidade». Esta afirmação é corroborada pelo Prefácio de Luís Bernardo Honwana, que se questiona sobre a génese do livro: «crónica mais do que ficção?». É verdade que estes contos de Lília Momplé são datados, não só pelo carácter cronológico explícito dado aos contos, mas pela temática que abordam: a violência e violentação provocadas pelo jugo português. Não há, porém, dúvidas de que se trata de ficção.

De facto, *Ninguém Matou Suhura* apresenta um retrato desumano do colonialismo português. É um retrato que a leitura de *Os Olhos da Cobra Verde (OCV)*, constituído por seis contos, agora já não tão explicitamente datados, relativiza. Neste livro, o dedo acusatório tem outro alvo: os dirigentes, os fazedores da guerra do pós-independência, sobretudo os homens da Renamo, visados nos contos «Os olhos da cobra verde» e «Xirove» (*OCV*), nome dado a uma cerimónia para purificar quem cometeu crimes. Neste último, o protagonista é Salimo, que fora raptado a caminho da escola pela Renamo e que, deduz-se, participou nas atrocidades de que são acusados estes militares: matar gente indefesa, pilhar, queimar palhotas. O que leva um habitante da aldeia a perguntar:

Nós escondíamos as nossas coisas em buracos fundos, com medo que nos matassem e roubassem o pouco que temos. Dormíamos no mato porque tínhamos mais medo

de vocês do que dos leões e dos leopardos. (...) Quantos narizes, quantas orelhas, quantos sexos e quantas mamas cortaste? Quantas barrigas de grávidas abriste? Quantas mães obrigaste a pilar os próprios filhos? De quantas e quantas mulheres abusaste diante dos maridos? (OCV: 73-74)

Constatamos que, em ambos os livros e períodos históricos, a atmosfera é de opressão, medo e miséria, apenas vão mudando os opressores. Os contos estão imbuídos pelos preconceitos dos brancos em relação aos negros, pelos semas da «miséria» e do «sofrimento» e pela atmosfera da injustiça e da instrumentalização do negro pelo branco. Em *Ninguém Matou Suhura* assiste-se ao sofrimento dos negros infligido pela exploração dos brancos. É uma exploração que assume vários matizes, nomeadamente o recrutamento à força para as plantações de arroz e a dor física daí proveniente, que leva ao suicídio por enforcamento de Mussa Racua («Aconteceu em Saua-Saua»), pois «A plantação é o terror dos negros, mesmo daqueles que nunca lá estiveram» (NMS: 12).

O comentário final do administrador quando sabe do enforcamento mostra sangue frio, desumanidade e ironia: «Estes cães assim que lhes cheira a trabalho arranjam sempre chatices. Ou fogem ou suicidam-se. Maldita raça!» (NMS: 18). Este desprezo pelos negros está também patente no comentário do patrão de Naftal, do conto «Caniço», depois de levar este e o cozinheiro ao posto da Polícia acusando-os do roubo do relógio de ouro da mulher, percebe que foi uma acusação falsa, pois o relógio apareceu, entretanto. Após a observação da mulher, para ir à Polícia dizer que encontraram o relógio, ele desabafa indiferente: «Ó filha, deixa-me descansar. Além disso é um mau princípio. A queixa já lá está, não podemos voltar atrás. Deixa-os [Naftal e o cozinheiro] lá apanhar. É pelas vezes que roubam e não são descobertos. Vamos é jantar que já são horas» (NMS: 29). Também, no final do conto «Ninguém matou Suhura», o comentário à morte da protagonista, provocada pelo administrador, é desconcertante: «O estupor da negra morreu!» (NMS: 71).

No primeiro livro de contos, as personagens principais são sobretudo homens, porém, em *Os Olhos da Cobra Verde* são maioritariamente as mulheres que sobressaem enquanto heroínas na luta pela sobrevivência. No entanto, não se pode deixar de notar que ambos os livros têm títulos que nos conduzem para o feminino. Este segundo título remete para o simbolismo da esperança patente no adjectivo «verde», facto que não se verifica no primeiro livro de contos. Em *Ninguém Matou Suhura*, a atenção recai sobre o verbo matar, chamando-se *ab initio*, através do pronome indefinido, a atenção para um dos temas que percorrem a obra: a impunidade (dos brancos). Por outro lado, destaca-se o nome de uma figura feminina para acentuar, também, a fragilidade e o carácter indefeso do sexo feminino.

O conto maior e melhor estruturado de *Ninguém Matou Suhura* é o que dá o nome ao livro. Organizado em três partes – «O dia do senhor administrador»; «O dia de Suhura»

e «O fim do dia» –, o conto descreve as arbitrariedades e a impunidade do representante mais próximo das populações do colonialismo português, o administrador.

A temática que sobressai neste conto é a violação das negras pelos brancos, sobretudo dos portugueses com poder, e a consequente impunidade. É o que Hilary Owen chama «the explicit sexual violence of empire» (Owen, 2007: 214), em que o lugar do sexo se torna catalisador de tensões e de violência.

Neste conto, a violação está associada à violência, ao inelutável, ao medo, à vergonha e à luta de Suhura. Na descrição de Suhura destaca-se a sua tenra idade nada proporcional às suas inúmeras tristezas: «aos quinze anos é analfabeta, órfã de pai e mãe e extremamente pobre» (*NMS*: 62). Esta, porém, é uma das poucas personagens que é descrita, nos contos, pela sua alegria juvenil, ainda que rapidamente aniquilada. No entanto, não é só o administrador que fica incólume em relação à morte de Suhura, também os intermediários, sem os quais o encontro arranjado não teria sido possível, alimentam essa cadeia de arbitrariedades: o sipaio, a velha Agira e D. Júlia Sá.

No conto «Ninguém matou Suhura», começa a ver-se o ponto de viragem da relação negros-brancos. É disso exemplo o desabafo irritado do administrador: «Os tempos mudam! Antes de estes malditos terroristas [negros] começarem a fazer das suas, era mesmo eu que me despedia de um negro. Mas agora temos de andar mansinhos com esta gente. Depois de tudo o que fizemos por eles. Corja de ingratos!» (*NMS*: 51). Assistimos aqui à ironia do narrador ou à exposição da crença portuguesa de que foi graças à sua colonização que os negros se civilizaram?

Os brancos são o símbolo de tramas, ambições, crueldades, manipulações e perfídia. Os homens ostentam o seu ventre e as mulheres são ociosas, flácidas, lívidas, de olhos desbotados e cansados (cf. *NMS*: 50-51), como a mulher do administrador de «Ninguém matou Suhura».

Apesar da crítica física e psicológica devastadora aos portugueses, também há portugueses «bons». É o caso de Benjamim Castelo, de «O baile de Celina», e da sua mulher Maria Adelaide, que tentam perfilhar Violante, filha daquele e de uma negra. Porém, o carácter fraco e influenciável de Benjamim Castelo não lhe permite destacar-se na sua bonomia.

No entanto, a personagem branca mais humanizada, apenas descrita e que não intervém na narração, é Manuela, a filha do administrador de «Ninguém matou Suhura». É a personagem que se opõe ao racismo, que defende a igualdade, acusada, pelo delegado da Mocidade Portuguesa, de tratar «bem de mais os alunos de cor», de os tratar «como se fossem brancos» (*NMS*: 59).

Também Eugénio, de «O último pesadelo» (*NMS*), português a viver em Angola, personifica a humanização branca em relação aos negros, visto ser o único branco que fica incomodado e se opõe à chacina dos empregados negros pelos hóspedes do hotel onde está alojado, em Gabela, no início da guerra de libertação, em Angola. O medo e

a ameaça do desconhecido fazem agir assim os portugueses. Há neste conto a preocupação de desmistificar a imagem terrorista dos negros que matam indiscriminadamente os brancos. Se em *Os Olhos da Cobra Verde* se assiste a uma crítica à acção terrorista da Renamo, este conto de *Ninguém Matou Suhura* é nitidamente pró-MPLA, criticando-se a UPA (cf. *NMS*: 78).

Há ainda outro casal de portugueses apresentado de forma positiva. Trata-se de Alberto Cereja e da mulher, protagonistas do conto que fecha *Os Olhos da Cobra Verde*, «Era uma outra guerra». Faz-se aqui a comparação da guerra entre as tropas do governo e a Renamo com a guerra colonial. Este conto avalia a divisão da guerra que assolou Moçambique durante décadas em dois momentos: num primeiro momento, a luta da Frelimo contra o poder colonial; num segundo momento, a acção do *apartheid* e da Renamo como factores de ameaça contra gente indefesa. A simpatia do narrador recai no primeiro momento e na luta desenvolvida pela Frelimo, na sua forma de respeitar a gente indefesa, mesmo sendo colonos portugueses. Como se esse primeiro momento fosse de maior consideração, menos violência e menos sofrimento.

Por outro lado, a crítica não se dá apenas em relação aos brancos. Os que detêm o poder, como o administrador, são visados, pela desumanidade, desonestidade, levianidade, prepotência e impunidade. Em *Os Olhos da Cobra Verde*, no conto «O sonho de Alima», os alvos são o administrador do Distrito, de «avantajado corpo» (*OCV*: 45), e a sua mulher, «bojuda, de largas ancas deformadas pela celulite» (*OCV*: 45). A descrição dos seus actos também não é distinta da que era feita aos portugueses: «Tal atitude e arrogância com que ele [administrador] exhibe os seus carros, camiões e palacetes têm provocado na população uma revolta surda e profunda, trazendo à memória dos mais idosos penosas recordações do tempo colonial» (*OCV*: 40). Esta semelhança entre o tempo colonial e o período pós-independência no que concerne ao desrespeito pelo próximo, à ostentação e à arrogância está também presente em algumas atitudes de personagens de «Um canto para morrer», de *Os Olhos da Cobra Verde*, nomeadamente do marido da irmã da protagonista, que foge para Lisboa e leva Ana Maria a afirmar: «E o pior é que estes patifes, principalmente o teu marido, nunca seriam ninguém se não fosse a Independência. Onde é que antes se via um director nacional negro!» (*OCV*: 56). Este conto destaca a dificuldade em conseguir-se o direito à habitação em Maputo devido à má qualidade das construções e ao mercado inflacionado; mostra a precariedade em que se vive (e morre) em Maputo, pois a Independência trouxe novos problemas e não conseguiu resolver os antigos<sup>2</sup>.

Um desses problemas é o trabalho infantil, personalizado em Naftal no conto «Caniço». Aí, a morte do pai e da irmã Aidinha por tuberculose é outro tema em destaque, bem como a prostituição desta para fugir à miséria.

<sup>2</sup> Estas preocupações continuam a ser expostas pela autora no seu livro *Neighbours*.

Um tema comum aos dois livros é o da importância da instrução. Em «O baile de Celina», de *Ninguém Matou Suhura*, a temática centra-se na ascensão social pela instrução idealizada por D. Violante para a filha: «Estuda filha! Só a instrução pode apagar a nossa cor. Quanto mais estudares, mais depressa serás gente!» (NMS: 42). No entanto, e apesar do esforço bem sucedido do estudo de Celina e ao contrário das expectativas, esta não poderá ir ao baile de finalistas do Liceu Salazar. O sonho de usar o belo vestido costurado pela mãe esmorece-se perante os argumentos do reitor, que a chama ao seu gabinete, juntamente com o único colega de cor:

Sem dúvida que vocês compreendem. Há certas coisas que é preciso dar tempo ao tempo. Vem o senhor governador-geral e pessoas que não estão habitadas a conviver com gente de cor. E vocês também não haviam de sentir-se à vontade no meio delas! Para evitar aborrecimentos de parte a parte, achamos melhor vocês não irem ao baile. Seria muito aborrecido que... (NMS: 45)

A desilusão é evidente no gesto de loucura de Celina que é apanhada pela mãe a cortar à tesourada «o seu lindo vestido branco» (NMS: 46), como se assim simbolicamente se desvanecesse a sua inocência e ingenuidade.

O tema da instrução está também presente em *Os Olhos da Cobra Verde*, no conto «Os sonho de Alima». Trata-se de uma moçambicana que consegue, com perseverança e determinação, o diploma da 4ª classe com quarenta anos. Este conto aborda, para além do valor do estudo, do conhecimento e da persistência, as recordações penosas do tempo colonial, a desilusão da pós-independência, o uso da língua portuguesa como uma língua estrangeira e os ritos de iniciação das jovens macuas<sup>3</sup>. É o conto em que se aborda o amor conjugal de forma mais profunda. É o amor, por exemplo, que ajuda o ourives, marido de Alima, a superar o machismo.

Por sua vez, o amor materno está presente em praticamente todos os contos concretizando a epígrafe de *Os Olhos da Cobra Verde*: «Feliz do povo que sabe transformar o sofrimento e o desespero em arte e amor». É, por metáfora, o amor à Pátria, pois apesar das dificuldades da generalidade dos moçambicanos, o povo continua leal ao seu país.

O que mudou de *Ninguém Matou Suhura* para *Os Olhos da Cobra Verde*? Terá mudado a miséria, ou simplesmente trata-se de outra miséria, terá mudado a guerra ou trata-se de outra guerra, como aponta o último conto «Era uma outra guerra», deste segundo livro de contos?

Pergunta-se pois: o problema colocado em *Ninguém Matou Suhura* era colonial ou humano? Não será um problema transracional, que advém da necessidade de o Homem

<sup>3</sup> A maior parte das personagens dos onze contos são geralmente macuas, testemunhando a origem macua da própria autora.

explorar o próximo, um problema de ambição, de ostentação? *Os Olhos da Cobra Verde* vem colocar a tônica já não apenas no colonial, mas no Humano.

*Os Olhos da Cobra Verde* abre com o conto «Stress», uma estória bem menos marcada cronologicamente do que as de *Ninguém Matou Suhura*. Sobressai aqui o tédio e o conforto da vida burguesa da amante do major-general em contraste com a vida atarefada do vizinho professor, que não repara na sua beleza. Tal indiferença leva-a a fomentar o sentimento de rancor pelo vizinho, cujo único momento de alheamento e prazer se resume, aos domingos à tarde, assistir ao jogo de futebol e beber as suas cervejas. Entre o rodopio das aulas na Escola Secundária e no Ensino Nocturno e a dificuldade em sustentar a família e outros familiares fugidos da guerra, instala-se o stress, e quando a mulher interrompe esse momento de descontração, mata-a, sem saber porquê, como um autómato. Porém, a amante do major-general, que funciona como um filtro da vivência do professor, testemunhará no tribunal sobre a premeditação do crime, com tal incompreensível rancor, que contribuirá para agravar a sua pena. Este conto realça as consequências do cansaço e do alheamento, como se em todo o ser humano houvesse a loucura em potência que pode conduzir inesperadamente ao assassinio.

Por sua vez, o conto que dá o nome ao livro faz uma retrospectiva pelo período colonial, pela guerra da pós-independência e finalmente pela chegada da paz, através da personagem principal, Vovó Facache, uma «velha em anos e sofrimento» (OCV: 23). Esta figura feminina é descrita positivamente. Apenas com a quarta classe torna-se vice-presidente da Associação dos negociantes indígenas de Lourenço Marques (Maputo), cria as suas filhas do primeiro marido, que entretanto falece, e os enteados que o segundo marido lhe vai arranjando. É imagem da matriarca com dignidade, bondade, abnegação e auto-estima. Parece simbolizar a resistência do seu País às várias violências dos diferentes períodos históricos. Este é um conto de esperança: no momento em que Vovó Facache vê a cobra lembra-se das estórias de infância contadas pelo seu pai. Este momento de *anagnórise* entre Vovó Facache e a cobra remete-nos para a relação entre mito, oralidade, passado e tradição (cf. Rex, 2007: 451):

Lá no norte há uma pequenina Cobra Verde, tão verde que se confunde com as folhas das plantinhas novas ou com o capim no tempo das chuvas, e tem uns olhos espertos e também verdes como dois berlines de vidro. (...) Não aparece muitas vezes mas quando alguém a encontra e ela pára a olhar essa pessoa, é bom sinal. (OCV: 24-25)

De facto, 15 dias após ter encontrado a cobra verde, dá-se o Acordo Geral de Paz, assinado em Roma, em 1992. Este acordo traz a esperança de paz que se concretizou, mas não faltará ainda concretizar outras esperanças para o país? O que escreveria Lília Momplé sobre o Moçambique actual?

Algumas palavras ainda para o estilo. Ao estilo linear do primeiro livro, sucedem-se algumas prolepses de *Os Olhos da Cobra Verde*. Esta forma de desvendar o final da estória antecipadamente verifica-se esporadicamente em *Ninguém Matou Suhura*, como se constata no conto homónimo: «Além disso, vai morrer [Suhura] antes de o dia findar» (NMS: 62). Este estilo é mais visível em *Os Olhos da Cobra Verde*, em que a projecção do futuro desvenda, antes do final, o desfecho da estória: «O mesmo olhar que um dia, num futuro não muito distante, sentado no banco dos réus, ele irá captar» («Stress», OCV: 13).

De facto, perde-se alguma da linearidade apresentada no primeiro livro. Em *Os Olhos da Cobra Verde*, alguns contos começam pelo fim, como é o exemplo de «Xirove» e «Um canto para morrer».

Os contos apresentam, igualmente, uma estrutura circular. A última expressão do conto é semelhante ao título (cf. «Ninguém matou Suhura» (NMS); «Um canto para morrer» (OCV); «Os olhos da cobra verde» (OCV)), ou a ideia com que abre o conto é idêntica à que o fecha (cf. «O sonho de Alima» (OCV)).

Um das palavras ainda para o narrador destes contos. Trata-se de um narrador que conduz o leitor de forma crítica, é, como refere Teresa Salgado a propósito de *Neighbours*, um «narrador comprometido com o que narra, distante de qualquer neutralidade em relação aos personagens que constrói. Um narrador disposto a correr riscos e que, por isso mesmo, em determinados momentos, explora perigosamente os estereótipos» (Salgado, 2007: 290).

Concluindo, num estilo contido e rigoroso, através de uma linguagem «engagée», crua, sem eufemismos, sobra sofrimento nestes contos de Lília Momplé, mas falta alegria, a alegria moçambicana, de que Suhura é apenas uma breve imagem e a cobra verde um rápido instante de uma mensagem de esperança.

## Bibliografia

- MOMPLÉ, Lília (1988). *Ninguém Matou Suhura*. Maputo: Associação de Escritores Moçambicanos.
- (1997). *Os Olhos da Cobra Verde*. Maputo: Associação de Escritores Moçambicanos.
- OWEN, Hilary (2007). «Sexing the Lusotropics: Lília Momplé and the Women in white». In MATA, Inocência e PADILHA, Laura (org.). *A Mulher em África. Vozes de uma Margem sempre Presente*. Lisboa: Edições Colibri, 209-220.
- REX, John (2007). «A oralidade escrita, ou a voz continuadora da matriarca africana em Lília Momplé e Ama Atta Aidoo». In MATA, Inocência e PADILHA, Laura (org.). *A Mulher em África. Vozes de uma Margem sempre Presente*. Lisboa: Edições Colibri, 441-467.
- ROTHWELL, Philip (2002). «Momplé's Melancholia: Mourning for Mozambique». *Portuguese Studies Review* 10, 185-193.

SALGADO, Maria Teresa (2007). «*Neighbours*: de violências, mulheres, mudanças... e homens». In MATA, Inocência e PADILHA, Laura (org.). *A Mulher em África. Vozes de uma Margem sempre Presente*. Lisboa: Edições Colibri, 283-291.

**Resumo:** Este texto compara os dois livros de contos de Lília Momplé: *Ninguém Matou Subura* (1988) e *Os Olhos da Cobra Verde* (1997). A ficção desta escritora é conhecida pelas inter-relações históricas de raça, classe, género e diferenças de cor que estabelece em Moçambique, sobretudo durante o período colonial e a guerra civil.

**Abstract:** This text aims to compare Lília Momplé's two collections of short stories: *Ninguém Matou Subura* (1988) and *Os Olhos da Cobra Verde* (1997). Her fiction is marked by the historical interactions of race, class, gender and colour difference in Mozambique, especially during the colonial period and the Civil War.